Batata cozida, mingau de cará

tradição oral

LITERATURA PARA TODOS

Eloí Elisabete Bocheco

Batata cozida, mingau de cará

I Concurso Literatura para Todos

Consultora Pedagógica
Ira Maciel

Comissão de Pré-seleção das Obras
Cristiane Costa
Heitor Ferraz Mello
Júlio César Valladão Diniz
Maria da Luz Pinheiro de Cristo

Comissão Julgadora
Antônio Torres
Heloisa Jahn
Jane Paiva
Lígia Cademartori
Magda Soares
Marcelino Freire
Milton Hatoum
Moacyr Scliar
Rubens Figueiredo

Ministério
da Educação

Esplanada dos Ministérios
Bloco L – 7º andar – Sala 710
literaturaparatodos@mec.gov.br
www.mec.gov.br

Batata cozida, mingau de cará

tradição oral

Eloí Elisabete Bocheco

1ª Edição

Brasília – 2006

LITERATURA
PARA TODOS

Título original: Batata cozida, mingau de cará
Autora: Eloí Elisabete Bocheco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bocheco, Eloí Elisabete.
B664 Batata cozida, mingau de cará / Eloí Elisabete Bocheco.
– Brasília : Ministério da Educação, 2006.

80 p. : il. ; 18 cm. -- (Coleção literatura para todos ; v. 8)

ISBN: 85-296-0050-9

1. Literatura popular. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD 398.20981
CDU 821.134.3(81)-91

Ano 2006

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros sem autorização prévia por escrito do Ministério da Educação ou da autora.

Índice

Apresentação 10
Prefácio 12
Trovinhas 15
Vaca malhada 19
Que fazes? 20
Janeiro 21
A cutia 23
Tangolomango 24
Pisa-pilão 26
Vou 28
Quebra o coco 29
Um jogo 31
Lenços 32
Tem 33
Dizeres rimados 34
Ou... Ou 36
Desejo 37
Beija-flor 39
Olha! 40
Preguiça 41
Caçarola 42
Ciganinha 43
Recados 44

Marinheiro 47
Outra ostra 48
Já 49
Mulinha 50
Encontrei 51
Mas não é 52
Joguinho 53
Esta noite 55
Sarapico 56
Sal 57

Eu também 58
O rato tá em casa? 59
Vamos? 60
Quem vem lá? 61
Jardineiro 63
Serenata 64
Cavalo marinho 66
Lava-lava 69
Trem de tróia 70
Entrevista com a autora 72

Carta ao leitor

Caras leitoras e caros leitores,

É com enorme satisfação que apresento a Coleção Literatura para Todos, pensada e escrita especificamente para vocês, alunos e alunas do Programa Brasil Alfabetizado e alunos e alunas que estão dando continuidade a seus estudos nas salas de aula de educação de jovens e adultos.

Esta coleção, composta por dez livros – poesia, conto, novela, crônica, tradição oral, biografia e peça teatral –, é fruto de um concurso nacional lançado em 2005 pelo Ministério da Educação. As obras foram escolhidas entre os mais de dois mil textos submetidos à comissão julgadora. Muitas pessoas foram envolvidas no processo de criação, o que representou um verdadeiro mutirão, um esforço coletivo. Mas quais os motivos que levaram o Ministério a realizar o Concurso Literatura para Todos e agora lançar a Coleção Literatura para Todos?

A primeira resposta é dada pelo próprio título do concurso e da coleção – Literatura para Todos. O Ministério acredita que o acesso ao livro e à leitura é um direito de todos. Nós todos temos o direito de ler e ter acesso a

livros da mesma forma que a Constituição Federal nos garante o direito à educação. Por isso, em 2003, o governo criou o Programa Brasil Alfabetizado, para garantir, aos jovens e adultos que nunca tiveram esse direito, a oportunidade de aprender a ler, escrever e fazer as operações matemáticas básicas.

Acima de tudo, o Ministério foi motivado por acreditar que o acesso ao livro e a criação do hábito de leitura são essenciais para fortalecer a nossa cidadania e também como alicerce para outras aprendizagens. A leitura nos permite entender melhor o mundo a nossa volta e conhecer melhor também quem somos nós. Por meio da leitura, ganhamos acesso a outras informações e novos conhecimentos.

A Coleção Literatura para Todos visa, assim, oferecer um conjunto de livros, produzido com muito carinho e zelo, que proporcionará a vocês leitores um grande prazer – o prazer de ler, de viajar, de criar e de fazer parte de uma nova comunidade: a de leitores. Pelo menos, é assim que esperamos. Brasil, país de todos – Brasil, comunidade de leitores!

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

Ministério da Educação

Prefácio

Há milhares de anos, ainda antes de saberem escrever, os homens se reuniam em volta da fogueira e contavam histórias. Eram relatos sobre o que acontecia com eles ou com os animais em suas aventuras do dia-a-dia. Sempre tinha alguém para contar algo e alguém para ouvir com atenção. E aqueles que ouviam sempre acrescentavam uma coisa aqui e outra acolá. Como já diziam antigamente: quem conta um conto, aumenta um ponto.

Com o passar do tempo, os homens aprenderam a escrever e passaram a registrar as histórias que contavam ou ouviam, por meio de tabuletas de barro, pergaminhos, papiros e, posteriormente, papel.

O homem sempre gostou de contar suas histórias, seja em prosa, seja em verso, nas feiras, mercados, festas de ruas ou das casas. Eles continuam contando histórias que ouviram dos pais, nas varandas das casas e nos meios-fios das calçadas. Como fazia seu Absolon, em noites quentes e tardes chuvosas, na varanda da minha infância, em Cruzeiro do

Sul, na beira do rio Juruá, no Acre, onde começa o Brasil, conforme dizia a minha avó.

São os contadores de histórias e declamadores que passam para as crianças e jovens as diversas expressões da tradição oral. Há outros que recolhem as histórias que ouviram e as recontam em livros, como faz a escritora catarinense Eloí neste delicioso *Batata cozida, mingau de cará.*

O ótimo *Marinheiro* nos faz lembrar de histórias e músicas já ouvidas. No último verso, Eloí nos remete a Fernando Pessoa, um grande poeta da língua portuguesa, que escreveu em um poema: "Navegar é preciso, viver não é preciso".

Leia e se delicie.

Tancredo Maia Filho

Coordenador técnico

I Concurso de Literatura para Todos

Trovinhas

Batata cozida, mingau de cará
Moça bonita que vem do Pará
Parem de cantar, parem de pular
Abram a roda que ela vai passar.

Olha a vespa dentro da cesta
Olha a cesta com a vespa dentro
A vespa fazendo casa
e a casa secando ao vento.

Eu não tenho eira nem beira
Nem sequer algum parente
Sou filho de uma colina
Neto do sol poente.

Marmeleiro, penda o galho
Que eu quero colher marmelo
Marmeleiro, o que é que eu faço
para encontrar o amor que eu quero?

Lá atrás daquele morro
tem um pé de abacateiro
Quem quiser casar comigo
apareça no terreiro.

Lá do céu caiu um cravo
em cima do meu telhado
Se não casar com você
não vivo mais sossegado.

Meu boi nasceu de manhã
De manhã mesmo falou
Às dez horas assinou o nome
e em seguida soletrou.

Cavaleiro da porteira
Não passe sem se benzer
Aqui tem assombração
Não deve pagar pra ver.

A menina da janela
é uma flor de macieira
Quando anda se requebra
Quando se requebra cheira.

Você diz que sabe sabe
Passarinho sabe mais
Passarinho sabe a falta
que o seu amor me faz.

Eu plantei o figo verde
Ninguém ajudou plantar
Depois do figo maduro
Todos queriam provar.

Pus-me a contar grão de areia
com a ponta do meu dedal
Comecei de madrugada
e nunca mais vou acabar.

De manhã penso em você
De tarde penso também
De noite fico a pensar
nesse fogo que amor tem.

Se eu soubesse bordar na água
como bordo no algodão
Bordava um barquinho a vela
indo em tua direção.

Um saco cheio de espinhos
é uma coisa tiririca
Se bota na cabeça cutuca,
se bota nas costas pinica.

Quebra quebra gabiroba
Come a sopa pela borda
Pena verde já se foi
Sonho meu roeu a corda.

Com a ponta da minha agulha
Com o fundo do meu dedal
Costuro as pontas da vida
pra saudade não me achar.

Todo cravo tem perfume
Toda roseira tem graça
Nem todo amor perdura
Toda paixão vem e passa.

Vaca malhada

Vaca malhada dá leite azedo
pra quem mexer o dedo
Dá leite pasteurizado
pra quem olhar pro lado
Dá leite ardido
pra quem ficar perdido
Dá leite frio
pra quem der um pio
Dá leite vencido
pra quem estiver distraído
Dá leite fino
pra quem tocar o sino.

Eu que não sou daqui
e não tenho amor,
marinheiro sou,
peço água e vou-me embora
pra São Salvador!

Que fazes?

– Minha vela de sete dias, que fazes no corredor?
– Tô esperando o santo que vem no andor.

– Minha bacia de louça, que fazes no rebolo?
– Tô esperando o trigo que tá no monjolo.

– Minha sombrinha encarnada, que fazes no horizonte?
– Tô esperando a chuva cair na ponte.

– Meu jarro esmaltado, que fazes no armário?
– Tô esperando o dia do teu aniversário.

– Minha peneira de taquara, que fazes no lajeado?
– Tô esperando Maria pescar dourado.

Janeiro

Janeiro vai
Janeiro vem
Pingente celeste
vou dar ao meu bem.

Janeiro ia
Janeiro vinha
Panela no fogo
Pirão de farinha.

Janeiro vem
Janeiro vai
O galo canta
e a casa cai.

Janeiro sai
Janeiro entra
Num dia chega
e no outro senta.

Janeiro vem
Janeiro passa
Fogo de palha
Nuvem de fumaça.

A cutia

A cutia diz que viu
um fantasma prateado
É mentira da cutia
Ela tá é assustada.

A cutia diz que traz
muita linha do horizonte
É mentira da cutia
Ela traz é só barbante.

A cutia diz que come
num prato de arco-íris
É mentira da cutia
Ela come é num pires.

A cutia diz que tem
um castelo de turmalina
É mentira da cutia
O castelo é de neblina.

A cutia diz que tem
um pente de marfim
É verdade da cutia
Ela até emprestou pra mim!

Ah, ah, oh, oh, ela até emprestou pra mim!

Tangolomango

Eram oito formiguinhas
morando num tagete
Deu tangolomango numa
e das oito ficaram sete.

Das sete que restaram
Uma se afogou no orvalho
Outra partiu com um bem-te-vi
e ficaram cinco que eu vi.

Dessas cinco que restaram
Uma tropeçou num pato
e das cinco ficaram quatro.

Das quatro que ficaram
Uma foi imitar o cabrito montês
Quebrou o pescoço, meu bem,
e das quatro ficaram três.

Destas três que restaram
Uma foi passear na lua
Deu o tangolomango nela
e eis que ficaram duas.

Destas duas que ficaram
Uma resvalou na espuma
e restou apenas uma.

Esta uma que ficou
foi jogar paciência
Deu tangolomango nela
e acabou-se a descendência.

Pisa-pilão

Paçoca de pinhão
Pisa pilão!

Pinheiro, dai-me outra pinha,
que esta aqui tá falhada
Menina, traz mais farinha,
que a paçoca tá grudada.

Peneira a paçoca
Pisa pilão!
Peneira e soca
Pisa pilão!

O tempero da paçoca
foi o velho Brás que ensinou
Botei as ervas-de-cheiro
Mas o ponto do sal caducou.

Não se afoga com a paçoca
Pisa pilão!
Passa pra cá a peneira da paçoca
Pisa pilão!
Peneira e soca
Pisa pilão!

Tava na peneira
Tava peneirando
Tava no namoro
Tava namorando
Oi, pisa pilão!

Vou

Vou à ladeira
com as mãos para trás
Trançar peneira
Colher o ananás.

Vou à romaria
com as mãos para cima
Pedir providências
para mudar minha sina.

Vou ao engenho
com as mãos para baixo
Comer o melado
que ficou no tacho.

Vou àquela serra
com as mãos para o lado
Pedir mais sorte
para arrumar namorado.

Vou ao banhado
com as mãos quietas
Ver dorme-dorme
e açucenas abertas.

Quebra o coco

Quebra o coco
Saracura tá cantando
Quebra o coco
Chuvarada tá chegando.

Da mulher que quebra o coco
até as pedras sabem:
faz sabão, faz sabonete,
faz renda pra estrela d´alva.

Não derrube essa palmeira
que um tico-tico plantou
É palmeira rainha
Estrela do céu quem coroou.

Quebra o coco
Saracura tá cantando
Quebra o coco
Chuvarada tá chegando.

Um jogo

– Que porta é esta?
– É a do fim do mundo.
– E quem está no começo?
– Um gigante sem queixo.
– Quem está no meio?
– A mulher do espelho.
– Quem chegou agora?
– Quem estava fora.
– Quem vem do lado esquerdo?
– Não posso contar que é segredo.
– Quem está atrás da neblina?
– É uma coisa que não cabe nesta rima.
– Que carruagem é aquela?
– É a da *Bela e a Fera*.
– Que fumaça é essa?
– É da tua pressa.
– Como se volta do fim do mundo?
– Pelo buraco fundo.
– E se o buraco não chegar?
– Tenho cavalo alado para me buscar!

Lenços

Lenço lilás
bons presságios traz.

Lenço na cintura
o amor perdura.

Lenço de pontas
acerto de contas.

Lenço de cambraia
olhe e saia!

Lenço bordado
encontro marcado.

Lenço na lapela
será longa a espera.

Lenço no ar
alguém vai chegar.

Tem

No redemoinho tem saci
Na mangueira tem bem-te-vi
Atrás do morro tem ingá
Na mata fechada tem boitatá.

Na curva da estrada
tem um dia trás do outro
Na quebrada da ladeira
tem goiaba, e não é pouco!

Na mão direita tem uma roseira
que dá flor na primavera
que dá flor na primavera.

Dizeres rimados

De cavalo dado não se olham os dentes
Cesteiro que faz um cesto faz um cento
De cobra não nasce passarinho
Quanto mais velho melhor o vinho.

Com a boca cheia d´água ninguém assopra
O ponto do crochê se escolhe é na amostra
Coroa não cura dor de cabeça
Em receita que deu certo, não mexa!

Água fria não escalda pirão
Vaso novo não se guarda no porão
A colher é que sabe a quentura da panela
Acerto de contas é no apagar da vela.

Raio não cai em pau deitado
Só passa uma vez o cavalo encilhado
O amor louco dura pouco
Terá jeito o pau que nasce torto?

A aranha vive do que tece
No olho do dono é que o carneiro cresce
Cada um sabe onde o sapato aperta
Até o santo desconfia quando é demais a oferta.

Hóspede de três dias dá azia
Pombo escaldado tem medo de água fria
Canudo que teve pimenta guarda o ardume
Rede no gancho não pega cardume.

Em anos de boas espigas, guarda
algumas para o tempo de urtigas
Amor sem beijo só no inferno vejo
Pão quente não se dá nem ao são nem ao doente.

Flauta doce não é trompete
Em fandango de galinha barata não se mete
Cavalo esperto não espanta a boiada
Fogo de palha não faz goiabada.

Ou... Ou

O macaco não quer banana?
E o menino brincadeira?
Ou o menino tá triste,
ou a banana é de cera.

O passarinho não quer o figo?
Laranja madura na beira da estrada?
Ou o passarinho tá distraído,
ou a laranja tá bichada.

O urso não fez conta do mel?
E o avarento doou vintém?
Ou o urso tá doente,
ou era primeiro de abril, meu bem!

Desejo

Eu sou passarinho
Eu sou rouxinol
Eu quero fazer meu ninho
na pedra do teu colar
No meio da madrugada
pra poder te ver sonhar
Cravo e canela
Vento de manjericão
Lua prateada
no pezinho de limão
Sereno de veludo
Sereno não quer cair
Sereno da madrugada
deixa meu amor dormir!

Beija-flor

Beija-flor foi à serra
Assuntou
Foi à flor do manacá
Se embriagou.

Foi à campina
Beijou
Foi à mata
Se enamorou.

Foi ao deserto
Passou
Foi à lua entrou.

Foi ao sol
O sol se apagou
Foi ao rio
O rio murmurou.

Veio me ver
e contou
Entrou no meu sonho
e ficou.

Olha!

Meu chapéu tem bordado
e tem laço
Olha a pitanga no chão, sanhaço!

Meu lenço é bordado de ABC
Tenho cinco namorados,
mas nenhum vem me ver.

A pedra do meu anel
veio de uma estrela guia
Olha a amora no chão, cotovia!

Meu colar não é daqui
É de Jacarepaguá
Olha a graviola no chão, sabiá!

Preguiça

Preguiça não lava o umbigo
E, se lava, não enxuga.

Preguiça não cozinha feijão
E, se cozinha, pede a alguém
pra comer por ela.

Preguiça não faz caminhadas
E, se faz, vai carregada.

Preguiça não compra livros
E, se compra, pede que o livro
já venha lido.

Preguiça sonha que o mundo acabe
em almofadas macias para ela se recostar
e em baldes de sorvete de creme
para ela se arregalar.

Caçarola

Eu tenho uma caçarola
com cem anos de idade
Tá aqui o meu lenço
que confirma a verdade.

No dia de santos reis,
surpreendeu-me a caçarola
Declarou-se aposentada
Diz que não frita,
e não frita mais nada.

Não lhe tirei a razão
Caçarola centenária
fritou bolinhos de chuva
para várias gerações.

Ciganinha

– Ó, Ciganinha,
O que estás fazendo?
– Botando babados
numa saia de renda
Vou me enfeitar
Vou me perfumar
Vou à festa namorar
Chegou um cavalheiro,
muitíssimo alinhado
Sentou-se ao meu lado
Me convidou pra dançar
Pisou-me na barra da saia
Foi-se a saia para o chão
– Seu desajeitado,
tenha mais educação
e deixe o salto no portão!

Recados

Mandei recado pra moça dos três anéis:
venha brincar comigo uma ciranda, se puder.

Nenhuma resposta
Nenhuma resposta.

Mandei recado pro adivinho de Abunã:
por favor, venha me ver amanhã.

Nenhuma resposta
Nenhuma resposta.

Mandei um recado pra Baba Yaga:
preciso de sua ajuda, senhora maga!

Nenhuma resposta
Nenhuma resposta.

Mandei recado pro sábio de Arimatéia:
sonhei sete noites com sete tigres
Mais sete com sete touros
e outras sete com sete besouros. O que será?

Nenhuma resposta
Nenhuma resposta.

Bene bene bu
Mandei os recados
pelo rabo do tatu!

Marinheiro

Marinheiro, ó marinheiro,
onde está com o juízo?
Veja bem, ó marinheiro,
se não há perigo.
Não bata na pedra,
não encalhe na areia
Não vá te desviar
algum canto de sereia
Marinheiro, marinheiro,
olha o balanço do mar
Ouve o que diz a onda,
que é preciso navegar
Tem o pulo da noite
Tem o reflexo do luar
Tem a alga madrinha
Tem sombras em alto-mar
Veja bem ó, marinheiro,
onde está com o juízo
e tome conta do perigo.

Quem te ensinou a nadar?
Quem te ensinou a nadar?
Foi, marinheiro,
foi o peixinho do mar.

Outra ostra

Era outra a ostra
e não esta ostra.

Esta ostra
foi trocada.

Trocada a outra ostra
por esta ostra,
troco esta ostra
pela outra ostra.

É a outra ostra
e não esta ostra
que está com o brinco
que eu ganhei
do peixinho do mar
que me ensinou a nadar.

Já

Na ladeira tem
Já mandei buscar
cesto de bordado
Chapéu de sisal
Pisei na onda
A onda virou
Estrela do mar
a lua prateou
Espuma é de renda
Gaivota se encantou.

Mulinha

Lá vai a mulinha
pra bem distante
Carregadinha
de barbante.

Chegou a mulinha
na feira da praça
Vendeu barbante
Comprou linhaça.

Lá vem a mulinha
sem vintém
Deixou tudo
no armazém.

Encontrei

Encontrei Santa Luzia
com uma orquídea azul
Pedi uma pétala
e ela não quis dar
Mas me deu um bauzinho
Ah, meu São Sebastião,
abra este bauzinho
que me deu Santa Luzia!
Lá vai ela sumindo,
na curva daquela estrela!
Que será do xale dela
Que era feito de cera?
Me valham, meus santinhos,
meu coração tá batendo
dentro do bauzinho!
Me abençoe, São Gabriel,
santo bem-humorado
alegria é sustento
hoje e sempre e obrigado!

Mas não é

A farinha tá no fogo
mas não é para tostar,
O botão parou na porta
mas não é para entrar.

O martelo dá cabeçadas
mas não é por querer,
O monjolo sobe e desce
mas não é para te ver.

O piolho põe o pé na cabeça
mas não é por prevenção,
O vaga-lume escolhe o escuro
mas não é por precisão.

Meu burro morreu
mas não foi de pensar,
A preguiça cansou
mas não foi de trabalhar.

O olho do poço está cheio d´água
mas não é de mágoa,
A losna é amarga como fel
mas não é porque ela quer.

Joguinho

Este diz que vai dormir
Este diz que não tem onde
Este diz que vai na rede
Este diz cadê a parede?
Este diz que vai fazer
Este diz que vai chover
Capivara, mutum, paca, tatu
Fui na lata de biscoito
Contei cinco e contei oito.

Esta noite

Esta noite, esta noite
eu dormi longe
Esqueci do meu amor
Deu sereno, deu sereno
na distância
e me cobriu de furta-cor
Veio o sol, veio o sol
de manhã cedo
e o meu corpo incendiou.

Sarapico

Sarapico, morrico
Quem te deu tamanho pico?

Foi a deusa
do espelho
Sete sóis
Sete luas
Sete selos.

Sarapico, morrico
Não vá o teu pico
cutucar as estrelas
ou ferir alguma
abelha do céu.

Sal

Sal tem
Sal temos
Sal damos
Sal tá lá
Sal gado
Sal já
Sal não
Sal ô mão
Sal vô
Sal mão.

Eu também

Eu fui buscar água lá onde
o Judas perdeu as botas
Eu também
Me enrosquei num cipó
Eu também
Entrei num caminho sem fim
Eu também
Subi numa árvore
Eu também
Caí de maduro
Eu também
Dancei valsa com uma cobra
Eu não!!!

O rato tá em casa?

– Não.
– A que horas ele chega?
– Às mesmas de ontem.
– Que horas são?
– Hora da onça beber água.
– Que horas são?
– Hora em que a porca torce o rabo.
– Que horas são?
– Hora da panela queimar o cabo.
– Que horas são?
– É hora da cobra fumar;
uns pra cá, outros pra lá.
– Quem é que o rato vai pegar?

Vamos?

Vamos à campina,
elfos gentis,
colher a flor peregrina,
ouvir o que a relva diz?

O araçá
O mal-me-quer
A flor-de-lis.

São João prometeu
me dar uma morada
Entre lírios, açucenas
e rosas da madrugada.

Quem vem lá?

– Ô de casa!
Não tem fogo nem brasa
nem o dono da casa?
– Ô de fora!
Entre, por favor,
sou cesteiro, ora pois!
– Quero um cesto e uma cesta.
– Vai fazer casamento dos dois?
– Não, senhor Cesteiro:
no cesto guardarei penas,
na cesta levarei flores pra morena
Quero também uma peneira
– Fina ou grossa?
– Tão fina que possa até
peneirar neblina
Ficarei, ainda com um balaio
– Grande ou pequeno?
– O maior que tiver
para aparar a sorte
quando ela vier.

Jardineiro

Jardineiro,
pode chegar
pegue as sementes
E comece a semear...

Bem na frente,
ponha o alecrim
Para espantar o mau-olhado
do jardim.

Na janela,
quero a flor-de-lis
Que seja branca,
ou então cor-de-anis.

No lado esquerdo,
quero a amoreira
Vêm andorinhas
e pardais
a tarde inteira.

Perto da porta,
ponha o guiné
para dar muita
sorte a quem vier.

Serenata

Senhora dona da casa,
abra a porta com finura
O sereno tá caindo
Orvalhada é prata pura.

As moças desta casa
não querem acordar
Nem ouvem a viola
entretidas a sonhar.

Vem cá, essa menina,
quero ler o teu destino:
você vai morrer de velha
e vai casar com seu primo.

As fitas do teu chapéu
são fitas muito fiteiras
Não são verdes nem azuis
Nem tão pouco cor-de-cera.

Senhora dona da casa,
traga licor de groselha,
bolinhos de bênção
e rosquinhas de canela.

Vamos dar a despedida
como deu a saracura
Uma perna na janela
e outra lá em Singapura.

Cavalo marinho

Cavalo marinho,
quem te nomeou?
Foi um cantador
que por aqui passou.

Cavalo marinho,
com que vai sonhar?
Com mil conchinhas
do fundo do mar.

Cavalo marinho,
quem te deu esse sinal?
Foi a mãe da mãe
da estrela do mar.

Cavalo marinho,
dança com a princesa
Se apagar a luz,
a lua está acesa.

Cavalo marinho,
é hora da ceia
A dona da casa,
que linda sereia!

Papagaio canta
Periquito chora
Cavalo marinho,
vamo-nos embora!

Lava-lava

A roupa lavada
Sinhá não vê
Já foi engomada
Sinhá não vê.

Eu pisei na ponte
A ponte tremeu
A água tava turva
Toalha branca escureceu.

Mandei fazer a goma
da farinha do cará
pra engomar babado branco
do vestido da sinhá.

Águas frias lavem bem
as nódoas deste vestido
E lavem do meu destino
tudo o que for encardido.

A roupa lavada
Sinhá não vê
Já foi engomada
Sinhá não vê.

Trem de tróia

O trem de tróia
é bem variado
Quem entra no trem
tá com os dias contados.

Ora vai saltitando
Ora vai devagar
Ora anda nos trilhos
Ora pega a voar.

Os bancos não aceitam
passageiros sentados
Maleiros invisíveis
Cobrador aluado
Chuva sol ou vento
Cobertura de relento.

Na cozinha do trem
Fogão apagado
Macarrão doce
Café salgado.

Cadê o maquinista?
Foi catar araçá
Foi juntar o cará
Deixou o trem
ao deus-dará.

No dia em que
criar dente o tico-tico
Pau-brasil virar angico
Gelo acender fogueira
Pé-de-vento der pêra
Avarento perder vintém
sem fazer cara feia
Aranha deixar de tecer teia
e cabeça de repolho pensar,
o trem de tróia
vai chegar a algum lugar.

Quando você começou a gostar de ler?

ELOÍ – Antes de descobrir o livro literário, fiz a experiência de "ouvir" a literatura. Isso foi na infância, por meio do repertório oral. Cresci cercada por grandes contadores de histórias e declamadores, entre eles minha mãe e meu pai. Minha primeira biblioteca foi oral e o acervo eram os contos, mitos, lendas, causos, provérbios, cantigas e brincadeiras de roda, entre outras formas desse rico manancial criado pelo povo. Somente aos 11 anos de idade, quando fui fazer o curso ginasial, é que tive acesso à literatura escrita.

Quais livros marcaram sua infância e adolescência?

ELOÍ – As obras de Monteiro Lobato, Érico Veríssimo, Fiódor Dostoiévski, Machado de Assis, José Lins do Rego, José de Alencar, Manuel Bandeira, Rubem Braga, Cecília Meireles e Mark Twain, entre muitos outros autores, se tornaram inesquecíveis em minha história de leitura.

Como nascem suas histórias e personagens?

ELOÍ – As crônicas que escrevo têm muito material da memória, desfigurado, macerado pelo tempo, distância e experiências presentes. Algumas narrativas surgem a partir de uma cena, uma imagem, uma visão repentina. Depois o texto vai seguindo seu caminho.

Que lugar a leitura ocupa em sua vida?

ELOÍ – A leitura é uma prática imprescindível para mim. Não consigo imaginar a vida sem livros, sem leituras, sem literatura. Se, por alguma razão, não pudesse mais ler, acho que poderiam me aprontar o caixão e a cova.

Além de escrever, o que você também gosta de fazer?

ELOÍ – Gosto de cuidar da família, ver bons filmes nacionais e estrangeiros, ouvir música caipira e modas de viola. Também gosto de ouvir as pessoas. Quando era professora, adorava puxar a cadeira e ouvir as crianças e jovens falarem de suas leituras, de seus livros preferidos, de como as histórias se misturavam às suas vidas, de como iam se tornando leitores e como a leitura ia influindo em suas escolhas.

A leitura torna mais vasto o mundo de quem lê. Também desperta a sua imaginação e você ganha condições de aprender e desenvolver seu senso crítico e cultural. Quanto mais livros você ler, mais aumenta o prazer de ler, mais alegrias você terá com a leitura. Com isso, todos ganham, você, a sua família, a sua comunidade e a sociedade em que você vive.

Pelo Brasil afora, muita gente tem trabalhado para estimular a prática e o acesso ao livro e à leitura. Projetos, programas e ações que envolvem todos: governos, universidades, escolas, empresas, ONGs e os cidadãos. Todas as propostas fazem parte do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, do Ministério da Cultura. Um dos objetivos desse empreendimento é fazer funcionar bibliotecas públicas em todos os municípios brasileiros.

É na biblioteca que você vai encontrar apoio para seu desenvolvimento pessoal e educação formal. Além disso, nesse espaço você vai poder conhecer sobre a herança cultural do seu povo, vai ter a oportunidade de

tomar apreço pelas artes e pelas realizações da humanidade.

Visite uma biblioteca, pergunte ao bibliotecário como é que ela funciona e como você pode ter livros emprestados. A biblioteca pública é de todos e para todos.

Mais informações sobre esta obra

Técnica de fazer gravuras em relevo sobre madeira e reproduzir a imagem gravada sobre papel.

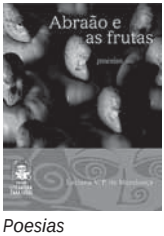
Poesia popular, originalmente oral, escrita em forma rimada.

Os versos de *Batata cozida, mingau de cará* reúnem histórias, lendas, usos e costumes preservados pela fala popular. Para ilustrar esta obra, a artista Tati Rivoire produziu desenhos em estilo xilogravura popular, que remetem o leitor para a literatura de cordel.

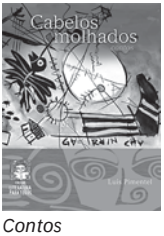
O processo de criação consistiu em desenhar com lápis de grafite sobre papel à mão livre. Depois, as imagens foram digitalizadas e o desenho foi finalizado e colorido no computador.

O resultado são oito ilustrações que conduzem o leitor por uma viagem pela tradição oral. As imagens complementam a idéia transmitida pelos versos. O lirismo da moça casadoira das *Trovinhas*, da lavadeira de *Lava-lava* e do cavalo-alado de *Um jogo*; o humor de *A cutia* e de *Marinheiro*, a singeleza de *Beija-flor*, de *Esta Noite* e de *Jardineiro* propiciam uma experiência singular.

Outros livros desta coleção



Poesias



Contos

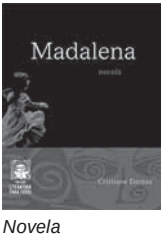
Poesias

Contos

Poesias

Teatro

Biografia



Novela

Crônicas

Produção gráfica e editorial

SUPERNOVA PROJETOS EDITORIAIS

Coordenação de produção
Cristina Guimarães
cristina@supernovadesign.com.br

Projeto gráfico e capa
Ribamar Fonseca
ribamar@supernovadesign.com.br

Projeto editorial, edição e revisão do texto
Alessandro Mendes e Iara Vidal
alessandro@azimutecomunicacao.com.br
iara@azimutecomunicacao.com.br

Ilustrações
Tati Rivoire
tati@tatirivoire.com.br

Editoração eletrônica
Fernando Alves
fernando@supernovadesign.com.br

Auxiliar de produção
Adriana Mattos
adriana@supernovadesign.com.br

O papel da capa é o Duo Design 240g/m² e o papel do miolo é o Pólen bold 90 g/m². A fonte de texto é a Versailles, corpo 11,5, projetada por Adrian Frutiger em 1984, serifada, baseada nos tipos franceses desenhados no século 19. As notas explicativas laterais foram retiradas dos dicionários da língua portuguesa Houaiss e Aurélio e informações dos autores.

Impresso pela Gráfica e Editora Brasil para o Ministério da Educação em novembro de 2006.

A farinha tá no fogo
mas não é para tostar
O botão parou na porta
mas não é para entrar.

O martelo dá cabeçadas
mas não é por querer
O monjolo sobe e desce
mas não é para te ver.

Ministério
da Educação

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

ISBN 85-296-0050-9
9 788529 600505

LITERATURA
PARA TODOS